

Guy Brett, retratos de memória

Carlos Senna Figueiredo¹

Resumo: A criação do Museu da Solidariedade no Chile de Allende foi essencialmente ligada à presença de Mário Pedrosa, exilado em Santiago, e Guy Brett por sua proximidade com artistas europeus. O Museu formou-se por doações espontâneas de artistas de todo o mundo ao povo chileno. Em pouco mais de dois anos, Mário trouxe ao Chile setecentas obras de pintores e escultores consagrados. A extensa correspondência entre os dois críticos relata o entusiasmo desse movimento.

Palavras-chave: *Guy Brett. Mário Pedrosa. Museo de la Solidaridad. Allende. Chile.*

Guy Brett, portraits from memory

Abstract: The creation of the Museum of Solidarity in Allende's Chile was essentially linked to the presence of Mário Pedrosa, exiled in Santiago, and Guy Brett for his proximity to European artists. The Museum was formed by spontaneous donations by artists from all over the world to the Chilean people. In just over two years, Mário brought to Chile seven hundred works by renowned painters and sculptors. The extensive correspondence between the two critics reports the enthusiasm of this movement.

Keywords: *Guy Brett. Mário Pedrosa. Museo de la Solidaridad. Allende. Chile.*

¹ Carlos Senna Figueiredo é engenheiro e escritor. Trabalhou no setor elétrico brasileiro, na Corporación de Fomento de la Producción (Chile) e em projeto das Nações Unidas (Peru). Dentre suas publicações, estão os livros: Mário Pedrosa, retratos do exílio (Antares, 1982), Encontros na América do Sol: a era dos projetos nacionais (Antares, 1983), Deus e o Diabo no Dia do Golpe: uma rapsódia socialista (Antares, 1984) e Sombras do Rio (Editora Regional, 1987). E-mail: csenna226@gmail.com. Rio de Janeiro, Brasil.

Neste primeiro de fevereiro de 2021 morreu o cálido e agudo crítico de arte Guy Brett. Desfrutei convivência abreviada com ele: primeiro, conversas na casa de Mário Pedrosa. Depois com Mário, Antonio Dias e Guy palmilhamos Londres. Ao cabo de poucos meses de residência com Mário no Chile, passado o golpe de 1973, meu terceiro pouso de exílio foi Lima. Guy passou alguns dias hospedado na minha casa limenha. Anos e anos depois nos vimos abençoados por *pints of bitter* num pub londrino. Brindou-me com seu livro *Oiticica in London*, com afetuosa dedicatória: “*For Carlos, and renewals of old friendships! Guy, London 4/ 2009.*”

Brett admirava Pedrosa e nos idos dessa aventura amava a arte de Lygia Clark, de Oiticica e do filipino David Medalla. Demos boas risadas ao lembrar que o vetusto Times cortou sua coluna de arte porque sua escrita não lhes parecia ... *embellished!*

Em dezembro de 1975, Guy me escreve:

Muita coisa aconteceu comigo. Por um lado, rompi com o Times. Eles começaram a fazer cortes enormes nos meus artigos e ocorreu uma coisa depois da outra muito rapidamente. Cartas duras e pomposas começaram a chegar e eu respondi ainda com mais frieza. Mais tarde, o Guardian escreveu um artigo simpático sobre a coisa toda que estou anexando. Em suma, estou feliz por ser liberado porque não conseguia mais encontrar a maneira de escrever o que queria dizer e, ao mesmo tempo, adotar o tipo de tom que o Times passou a exigir.¹

No artigo do Guardian, datado de 21 de fevereiro de 1975, Michael McNay relata:

Guy Brett é um jovem crítico de arte de grande experiência e ampla reputação. Foi um dos primeiros e mais lúcidos a escrever neste país sobre arte cinética (sobre a qual produziu um livro) e a vanguarda continental de meados dos anos sessenta. Por um tempo, ele sucedeu neste jornal ao falecido Eric Newton, depois foi ao Times. Lá, ele permaneceu como crítico de arte por dez anos até que ao final de uma correspondência cavalheiresca de três meses, John Higgins, o editor da página de artes do Times, disse a ele: “Eu acredito que você seria mais feliz trabalhando para outra publicação. Na verdade, como Guy Brett já havia deixado claro, ele não estaria. Ele se recusou a sair, então foi demitido.”²

1 “Quite a lot has happened to me. For one thing I broke up with the Times. They started to make huge cuts in my articles and then one thing followed another very quickly. Stony and pompous letters started arriving and I replied even more coolly. Later the Guardian wrote a sympathetic piece on the whole thing which I’m enclosing. All in all I’m glad to be released because I couldn’t any longer find the way to write what I wanted to say and at the same time adopt the kind of tone which the Times has come to demand.”

2 Guy Brett is a young art critic of great experience and wide repute. He was one of the first and most

Mário o trouxe ao seio da vanguarda plástica brasileira. E Guy a levou aos quatro cantos do mundo. O gesto poderia ser tomado como singela retribuição de Guy Brett ao velho pensador.

Difícil aceitar o que disse Gertrudes a Hamlet, seu filho: *“Thou know’st ’tis common. All that lives must die, Passing through nature to eternity.”*

Quero centrar minha memória nos dias da criação do Museo de la Solidaridad, no Chile de Allende³. E no que foi Guy Brett nessa ventura. Como serenar o coração ao desfiar densas memórias?

Há cinquenta anos a vitória de Salvador Allende e sua coalizão de esquerda nas eleições de 1970 desbordou fronteiras e despertou mundo afora o sonho do socialismo na democracia. Descortinavam-se horizontes de liberdade, participação e criatividade.

Perseguido pela ditadura no Brasil, Mário Pedrosa exilou-se no Chile onde deu início ao Museu da Solidariedade, formado por doações espontâneas de artistas de todo o mundo ao povo chileno. Gerava-se relação inédita entre criadores de arte e público. Rompiam-se laços tradicionais entre artista, marchand, galeria, colecionador privado. Em pouco mais de dois anos, Mário trouxe ao Chile setecentas obras de pintores e escultores consagrados. Trechos de suas cartas são relatos de um entusiasmo. Antes da minha chegada a Santiago recebi numerosas cartas. Inaugurado o Museu, ele me escreve:

Santiago, 31-5-72

O museu tomou o nome de “Museo de la Solidaridad” por razões fáceis de compreender, que acho, aliás, bonito e significativo. A montagem, instalação dele vai levar até outubro ou novembro. Então inauguraremos o bicho com banda de música e, à la chilena, isto é, com vinho tinto e empanadas. (...)

Como vai o Guy? Afinal Sir Roland foi feito membro do Comitê Executivo, acabo de lhe escrever uma carta diplomática e cheia de nós pelas costas como convém a um par do

lucid to write in this country about kinetic art (about which he produced a book) and the Continental avant garde of the mid-sixties. For a while he deputised on this newspaper for the late Eric Newton, then he went to the Times. There he remained an art critic for ten years until at the end of a gentlemanly three-month correspondence John Higgins, the Times arts page editor, told him: ‘I believe that you would be happier working for another publication.’ Actually, as Guy Brett had already made clear, he wouldn’t be. He refused to jump, so he was pushed.

3 Museo de la Solidaridad Salvador Allende. Disponível em: <https://www.mssa.cl/>

Reino de sua majestade. Espera-se que aqueles nomes eminentes indicados pelo Guy (Moore, Bacon, Paolozzi, Ben Nicholson, King, B. Riley, D. Hockney) já tenham sido abordados e concordem em doar. Aliás inauguramos a mostra com obras bem boas em sua média, e excelentes algumas vezes. O Miró mandou um galo, que tem servido de prato de substância para a propaganda. É realmente bonito, é o “galo cantando a alvorada”. Tornou-se um bom símbolo para a retórica museográfica. Os brasileiros de Paris mandaram boas cousas, Lygia, Sergio Camargo, Piza, Esmeraldo, Krajcberg, etc. Os argentinos um grupo magnífico. O time espanhol é de primeira. Os franceses também são bons, inclusive um belo Vasarely. E acaba de chegar a 1ª turma da Itália e estamos com um Calder acabado de chegar, mas ainda não aberto pela alfândega. Os americanos estão anunciados. E de outras partes: Suíça, Alemanha, Japão. A ideia foi vitoriosa, e tudo foi feito no peito e na raça. (...) Do Brasil, vinha um bom grupo, mas na última hora um general meteu a pata, e parou tudo à porta do avião (aquela gente até morde, passando-se perto).

Gostaria de ter mais notícias britânicas sobre o museu nosso. Não me esqueci da lista dos jovens abordados pelo Guy. Assim que resolver a remessa dos veteranos galardoados, vamos nos virar para os meninos ainda apenas com fitas de cabo ou sargento.

O acosso da ditadura brasileira a Mário foi tão determinante que Pedrosa não conseguiu replicar em seu país o que fez em outras latitudes: organizar doação de artistas para o museu. Não pode ele convidar oitenta artistas que considerou inicialmente. Numa carta a Aracy Amaral ele menciona Tarsila do Amaral, Mira Schendel, Amélia Toledo, Livio Abramo, Claudio Tozzi, Luiz Baravelli, Yolanda Mohalyi, Tomie Ohtake, dentre muitos outros.

Ao inaugurar o Museu da Solidariedade, Mário falou em nome dos participantes:

Os doadores querem que suas obras sejam destinadas ao povo, que sejam permanentemente acessíveis a ele. E mais ainda, que o trabalhador das fábricas e das minas, das comunidades e dos campos entre em contato com elas, que as considere parte de seu patrimônio. A esperança dos artistas e nossa é contribuir desse modo à espontânea criatividade popular para que flua livremente e possa coadjuvar à transformação revolucionária do Chile. É assim como pensamos que o Museu da Solidariedade deverá ser exemplar nas suas tarefas educativas e culturais, exemplar na sua acessibilidade democrática. Deve ser a casa natural das expressões culturais mais fecundas do Chile novo, consequência do seu avanço no caminho do socialismo. Este é o desejo entusiasta dos artistas do mundo que concorrem para isso entregando o produto de sua força criativa.⁴

4 *Los donantes quieren que sus obras sean destinadas al pueblo, que sean permanentemente accesibles a él. Y más que eso, que el trabajador de las fábricas y de las minas, de las poblaciones y de los campos entre en contacto con ellas, que las considere parte de su patrimonio (...) Lo que une indisolublemente estas donaciones es precisamente este sentimiento de fraternidad, para que jamás se dispersen en direcciones y destinos diferentes. Los artistas las donan para un Museo que no se deshaga con el tiempo, que permanezca a través de los acontecimientos como aquello para lo que fue creado: un monumento de solidaridad cultural al pueblo de Chile en un momento excepcional de su historia.*

Na frente contemporânea gente das vanguardas contribuiu maciçamente. Das nossas latitudes chegaram em peso. Formava-se um povo-continente. A tela doada por Miró – espécie de ave fênix – alinhava-se ao seu notável cartaz *Aidez l’Espagne*, de 1937, em apoio ao combate republicano.

O golpe de setembro de 1973 interrompeu a tirada. As obras foram confiscadas e encerradas em porões. Algumas foram danificadas ou roubadas. Outras serviram de jeito infame para adornar dependências ministeriais. Com meus filhos e sua mãe saímos na manhã do golpe, no último voo. Graças à imensa amizade e coragem de Luiz Alberto Gomez de Souza, que trabalhava na Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe – Cepal, Mário enrustiu-se na embaixada do México e deixou o País. Fora do Chile um conjunto de obras *arrêté en marche* deu lugar ao Museu Internacional da Resistência Salvador Allende. Há belos depoimentos de Júlio Cortázar e de Carmen Waugh sobre os feitos.

A eleição de Allende contrariou a estiagem ideológica da Guerra Fria. Onde achar caminho democrático que enfeixasse liberdade e justiça social? Chile deu o rumo. A “via chilena ao socialismo” veio em botão para inspirar a esquerda italiana, que logo a associou a Gramsci, e a Mitterrand, que deu com os costados no Chile para estimar a possibilidade de ensaiá-la em França ao forjar o Programa Comum e chegar à presidência em 1981. Não tardou em inquietar ao Pentágono, Nixon e Kissinger, que não admitiam a certo país derivar à esquerda “por irresponsabilidade da sua gente”. O país em tela era o Chile da democracia pluralista mais avançada da América do Sul.

Essa luta de David contra Golias conquistou o apoio de setores progressistas das Américas e da Europa. A solidariedade começou nos artistas. O Museu da Solidariedade, que existe em Santiago, celebra a virtude do humanismo. A palavra solidariedade aparecerá em grandes letras coloridas nos muros pintados em noites ermas por brigadas de jovens aliados à Unidad Popular.

Como recorda Miguel Rojas Mix, formou-se o Comité Internacional de Solidaridad Artística con Chile, destinado a dar corpo à simpatia e adesão do mundo da arte ao povo chileno. Era presidido por Mário e integrado por Danilo Trelles, Louis Aragon, Giulio Carlo Argan, José María Moreno Galván, Dore Ashton, Roland Penrose, Mariano Rodríguez, Eduard de Wilde, Jean Leymarie, Juliusz Starzynsky, Carlo Levi e Rafael Alberti.

Mário Pedrosa arengou artistas dos quatro cantos do mundo para motivar doações.

Eu trabalhava no Instituto de Investigaciones Tecnológicas, da Corporación de Fomento de la Producción – Corfo, em Santiago. Em casa, acompanhava o correio entre Mário e os artistas. De um lado da mesa, ele e as cartas. De outro, Mary tecia uma versão do *Finnegans Wake*, de Joyce. Sobre a mesa, Pedrinho despetalava o dicionário Webster.

Algumas obras doadas ao Museu da Solidariedade nunca chegaram ao Chile, como as de artistas ingleses e que se achavam na embaixada chilena em Londres. Dentre elas trabalhos de Henry Moore e David Hockney. Os artistas exigiram a devolução dessas obras, vez que sumira a motivação que justificara a doação. Foram devolvidas?

As obras em trânsito e retidas por força do golpe formaram o acervo do Museu da Resistência. Em Paris surgiu secretariado com regência de Mário. Criam-se numerosos comitês de apoio. No comitê francês, Louis Aragon, Louis Althusser, Roland Barthes, François Biot, Jean Cassou, Françoise Choay, Júlio Cortázar, Régis Debray, Mikel Dufrenne, Jean-Pierre Faye, Pierre Gaudibert, Jean-Clarence Lambert, Jacques Lassaing, Marc Le Bot, Jacques Leenhardt, Julio Le Parc, Jean Leymarie, Edgar Morin, Édouard Pignon, Bernard Pingaud, Pierre Restany, Antonio Saura, Pierre Soulages, Dominique Taddei, Bernard Teysseire, Alain Touraine e Victor Vasarely.

Gente de peso nas artes plásticas, literatura, filosofia e política avolumou o movimento. Aliaram-se Eduardo Galeano, Mário Benedetti, Jorge Enrique Adoum, Augusto Roa Bastos, Fernando Botero⁵.

Em 1977 Julio Cortázar apresenta o Museo Internacional de la Resistencia Salvador Allende⁶.

Nove de setembro de 1973. Divergindo dos meus juízos, Mário abrevia sua estada na Europa e volta ao Chile para salvar o Museu e seu precioso acervo. Quem sabe a egrégia Democracia Cristã poderia tomar as rédeas do Museu

5 Museo Internacional de la Resistencia Salvador Allende – MIRSA. Disponível em: <https://www.mssa.cl/wp-content/uploads/2016/11/CR-MIRSA-1975-1990-MSSA-2016-p%C3%A1g.-simple1.pdf>

6 Júlio Cortázar presenta el Museo Internacional de la Resistencia Salvador Allende (1977). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qu54mzWbQAM>. Entrevista a Carmen Waugh, Directora del Museo de la Solidaridad Salvador Allende (1991 – 2005), en el marco de los 40 años del MSSA: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eV3bEMCisS4>

para defendê-lo? Mário chegou dois dias antes do golpe. Ao vê-lo no aeroporto de longe mostrei com o polegar para baixo que o desastre era iminente.

Era onze de setembro: *“Disparan, disparan contra el pueblo, es decir, contra la poesia”*, canta Neruda em *Odas elementales*.

Não quero recordar aquele 11 de setembro. Antes releio a carta aberta dos mais célebres intelectuais e artistas do século XX:

CARTA ABERTA AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA DO BRASIL, GAL. GARRASTAZU MÉDICI

Nós, abaixo assinados, intelectuais e artistas, tomamos conhecimento com indignação e preocupação do mandado de prisão política expedido por seu governo contra o escritor e crítico de arte Mário Pedrosa.

O Sr. Pedrosa é-nos conhecido por seus trabalhos no campo da arte e representa, para todos aqueles que o leram ou se aproximaram, uma das expressões mais perfeitas da inteligência de um país que sempre brilhantemente representou e defendeu com intransigência e coragem.

Acreditamos que você seja pessoalmente responsável pela integridade física e moral deste eminente brasileiro, cuja personalidade conquistou a admiração e o respeito de seus colegas em todos os lugares.

Aguardamos com impaciência e angústia notícias concernentes à anulação das medidas contra ele por parte de seu governo.⁷

Assinaram a carta Alexander Calder, Henry Moore, Picasso, Pignon, Soto, Cruz Diez e outros e outros e outros.

Mário deu-se de corpo inteiro à causa do povo chileno. Ferido em combate, partiu vitorioso. No dizer de Neruda:

7 LETTRE OUVERTE AU PRÉSIDENT DE LA RÉPUBLIQUE DU BRÉSIL, GAL. GARRASTAZU MÉDICI
 Nous soussignés, intellectuels et artistes, avons appris avec indignation et inquiétude, le mandat d’arrêt politique lancé par votre gouvernement contre l’écrivain et critique d’art, Mário Pedrosa.
 M. Pedrosa nous est connu par ses travaux dans le domaine de l’art et représente, pour tous ceux qui l’ont lu ou approché, une des expressions les plus accomplies de l’intelligence d’un pays qu’il a toujours brillamment représenté et su défendre avec intransigeance et courage.
 Nous estimons que vous êtes personnellement responsable de l’intégrité physique et morale de cet éminent brésilien, dont la personnalité a su gagner partout l’admiration et le respect de ses confrères.
 Nous attendons avec impatience et angoisse les nouvelles nous apprenant la cassation des mesures qui pèsent contre lui de la part de votre gouvernement.

Que quem se dá não se acaba
 Como se dão sem acabar, meu irmão,
*ao mar as águas dos rios.*⁸

Mário aferrou-se insomne à criação do Museu. Cumpre historiar.

Em Londres, já em dezembro de 1971, recebi sua mensagem:

Investigação urgentíssima a fazerem aí: Quais os artistas e críticos importantes que possam ser considerados mais de esquerda? O Antonio Dias ainda está por aí? E o Senna manteve ligações com o Guy Brett?

Precisamos com urgência do endereço de Moore, Roland Penrose, Anthony Caro, Francis Bacon, Paolozzi e Richard Hamilton. Urgente. Urgente.

Em fevereiro de 1972, recebi nova carta de Mário:

Vou escrever ao Guy, agradecendo o que está fazendo pelo nosso projeto, e convidando-o a colaborar conosco, oficialmente. O projeto ainda está nos seus inícios.

A inauguração do museu projetado não é para já. Ainda há muitas coisas antes a fazer e a cozinhar. O problema principal agora ainda é assegurar a colaboração real de artistas. Nesse sentido gostei muito da iniciativa do Guy, de conseguir a lista de artistas jovens que conseguiu. Agora, o importante é nos assegurar uma lista de artistas mais conhecidos e consagrados para tranquilizar e contentar o pessoal oficial, Allende e Cia. que só conhecem os grandes nomes. Daí a importância para nós de contarmos com a colaboração de um Moore, um Bacon, um Paolozzi, etc. Se o Guy conseguir isso será um benemérito. Gostei da reação do Antonio Dias. Ainda não recebi comunicação dele, mas se há tempo escreva-lhe incontinenti dizendo-lhe do meu contentamento e que não perca tempo em obter colaboração de outros artistas. Que ele me mande sugerir algum nome ou nomes a quem poderei mandar convites, e como poderemos obter também uma doação do Marino Marini, pois o princípio é o mesmo para a Inglaterra e para a Itália e para toda parte: jovens artistas sim, como base de desenvolvimento do museu experimental, e velhos artistas de nome para fortalecer o projeto e consagrar o Museo de Arte Moderno na sua abertura. É possível que o encontro aqui seja retardado – para depois da reunião da Unctad. Vamos decidir isso agora. É pois muito possível que o Antonio em pessoa possa vir.

8 Que quien se da no se termina.
 Cómo se dan sin terminarse, hermano mío,
 al mar las aguas de los ríos.”

No mesmo fevereiro de 1972, Mário escreverá a Guy Brett em nome do Comité Internacional de Solidaridad Artística con Chile:

Caro Guy,

Senna tem me mantido informado sobre sua amável cooperação em nosso projeto de um Museu de Arte Moderna e Experimental por meio de doações de artistas amigos do processo chileno. Isto é bom. Recebi a lista dos jovens artistas que você organizou e que estão prontos para enviar suas obras ou propostas para o museu, e entre eles encontrei nosso velho amigo Medalla.

É nossa ideia convidá-los a vir em visita ao Chile e então muitos deles podem fazer seus projetos uma vez aqui. Eu entendi que você quer agora abordar aqueles artistas que não são tão jovens e, portanto, com uma bagagem maior e reputação já estabelecida. Isto é muito importante porque dará ao establishment e aos funcionários de governo maior garantia quanto aos valores e maior prestígio das obras doadas. Por exemplo, uma doação por um nome glorioso como H. Moore ou F. Bacon daria imediatamente às obras já coletadas uma apreciação muito maior. Estimamos que esses artistas ofereceriam a base do que em nosso projeto seria o “Museu de Arte Moderna”, enquanto os demais artistas, os mais jovens, assegurariam o funcionamento do que chamamos de museu “Experimental”.

Caro Guy, para reforçar a sua iniciativa e autoridade, queremos convidá-lo a fazer parte do nosso Comitê (Comitê Internacional de Solidariedade Artística com o Chile), cujas tarefas você já assumiu em boa parte. Com a carta oficial de convite para participar do CISAC, envio alguns outros documentos que darão uma idéia completa do nosso projeto. Espero que concorde conosco e esperamos vê-lo mais tarde, aqui, quando discutiremos juntos muitos problemas relacionados aos últimos desenvolvimentos da arte em nosso tempo e a instituições tradicionais e novas como museus, galerias e assim por diante.

Melhores cumprimentos,

Mario Pedrosa⁹

⁹ Dear Guy,

Senna has been keeping me informed of your kind cooperation on our project of a Museum of Modern Art and Experimental through donations of artists who are friendly to the Chilean process. This is fine. I received the list of the young artists you organized ready to send their works or their propositions for the museum, and among them I found our old friend Medalla.

It is our idea to invite them to come for a visit to Chile and then many of them may make their projects once here. I understood that you intended now to approach those artists who are not so young and therefore with a larger baggage and reputation already established. This is very important for it will give to the establishment and to the official people more assurance concerning the values and higher reputation of the works donated (sic). For instance, a donation (sic) by a glorious name like H. Moore or F. Bacon would immediately give the works already collected a much higher appreciation. In our mind, those artists would offer the basis of what in our project would be the “Museum of Modern Art” while the other artists, the youngsters (sic) would assure the functioning of what we all the “Experimental” museum.

Também de fevereiro é carta de Antonio Dias destinada a mim:

Gostei demais do convite do Mário, mas acho que não vou poder ir à inauguração do Museu – se for antes do fim de abril, é claro. De qualquer maneira, preciso que você me mande urgentemente o endereço do Mario lá no Chile, faço questão de dar um trabalho para o Museu. Também poderia me virar para conseguir a doação de trabalhos por parte de artistas italianos, se o Mario topar. Bolei um trabalho muito bacana para ficar no Museu do Chile, mas preciso falar diretamente com Mario para ver se há a possibilidade de realizar a “coisa” lá mesmo – eu mandaria daqui só o projeto.

Antonio Dias cogitava de uma grande bandeira vermelha a ser colocada na entrada do museu (*Project for a people's flag*, 1972).

Dali a pouco, a 4 de março de 1972, Mário me comunicava a respeito:

Escrevi ao Guy e o convidei a participar do nosso Comité Internacional, uma vez que ele se mexeu, conseguindo de jovens artistas e se propunha conseguir outros de artistas já de mais peso. Com a carta mandei os documentos oficiais em que se explica tudo, e statements em que se convidam artistas. Agora aguardamos a ação dele. O projeto de museu continua de pé. Talvez tenhamos de convidar também o R. Penrose para membro do Comité, proposta vinda da Europa.

O mundo da arte britânica não tardou em reagir. Roland Penrose escreve a Allende ao encaminhar doações de artistas ingleses¹⁰:

Caro Presidente

Em nome de um grupo de ilustres artistas britânicos e como membro do Comitê de Solidariedade Artística com o Chile, peço que aceite as obras de arte mencionadas na lista anexa que foram escolhidas pelos artistas como doações ao Museu da Solidariedade, que será inaugurado em breve em Santiago do Chile.

Dear Guy, in order to reinforce your initiative (sic) and authority we wish to invite you to join our Committee (International Committee of Artistic Solidarity with Chile) whose tasks you have already taken in charge for a good part. Herewith I am sending you with the official letter of invitation to participate in ICASC, some other documents which will give you a complete idea of our project. I hope you will agree with us and so we expect to see you later, here, when we will discuss together many problems related to the last developments of art in our time and to traditional and new institutions like museums, galleries, and so on.

*Best greetings,
Mario Pedrosa*

10 La Despedida de Guy Brett, un amigo del MSSA. Disponível em: <https://www.mssa.cl/noticias/la-despedida-de-guy-brett-un-amigo-fundamental-del-mssa/>

Estes artistas têm sido abordados por seu talento, por sua originalidade e por sua crença na importância do rol que as artes devem desempenhar na sociedade. Sua resposta foi entusiástica e seus presentes são um símbolo de sua simpatia pelos ideais revolucionários do Governo Popular que você preside.

Ficam felizes ao saber que seu gesto será entendido como um sinal de amizade entre eles e o povo chileno. São igualmente gratos a você por possibilitar que um grupo de artistas que representam as tendências mais vigorosas da arte na Grã-Bretanha receba lugar de destaque no novo Museu, onde podem ser vistos por todos os que desfrutam e apreciam o valor eterno das artes.

Eles desejam ardentemente que suas doações tragam consigo não apenas prazer para um grande número de pessoas no Chile, mas também criem laços de amizade mais estreitos entre nossos países. Desejo expressar minha gratidão à Sra. Bunster por sua apresentação inicial ao Movimento Internacional de Artistas pelo Chile e sua inestimável ajuda para ativar o apelo aos artistas britânicos.

Aceite estas doações dos artistas cujos nomes acompanham esta carta,

Sir Roland Penrose

Membro do Comitê Internacional de Artistas em Solidariedade com o Chile.¹¹

De catálogo do museu consta carta de Mário a Dore Ashton e entrevista e artigo de Dore, intitulado *El ejercicio crítico de la libertad*¹².

11 Dear President

May I on behalf of a group of distinguished British artists and as a member of the Committee of Artistic Solidarity with Chile ask you to accept the works of art mentioned in the accompanying list which have been chosen by the artists as gifts to the Museum of Solidarity which is to open shortly in Santiago de Chile.

These artists have been approached because of their talent, their originality and their belief in the importance of the role that the arts should play in society. Their response has been enthusiastic and their gifts are a token of their sympathy for the revolutionary ideals of the Popular Government over which you preside.

They are happy to know that their gesture will be understood as a sign of friendship between them and the people of Chile. They are also grateful to you for making it possible for a group of artists representing the most vigorous tendencies in art in Great Britain to be given a place of importance in the new Museum where they can be seen by all who enjoy and appreciate the eternal value of the arts.

It is their ardent hope that their gifts will bring with them not only pleasure to large numbers of people in Chile but will create closer links of friendship between our countries. I wish to express my gratitude to Mrs. Bunster for her initial introduction to the International Movement of Artists for Chile and the invaluable help she has given in activating the appeal to British artists.

Please accept these gifts from the artists whose names accompany this letter,

Sir Roland Penrose

Member of the International Committee of Artists in Solidarity with Chile.

12 Museo de la Solidaridad Chile – donación de los artistas al gobierno popular. Disponível em: <https://www.mssa.cl/wp-content/uploads/2017/07/Museo20de20la20Solidaridad-20Chile201971-1973.pdf>. O Informe del Grupo de Artistas Latinoamericanos Firmantes del Llamamiento Residentes em Paris está em Documents of 20th-century Latin American and Latino Art. International Center for the Arts of the Americas. The Museum of Fine Arts, Houston. Registro ICAA: 794123

A doações vindas da Inglaterra foram numerosas. Catálogo da exposição feita no Institute of Contemporary Arts em Londres, organizada por Penrose em julho e agosto de 1973, as descreve.

Por força do golpe de setembro as obras não chegaram a Santiago. Em 1993 Carmen Waugh, diretora do museu, voltou aos artistas britânicos para recuperar as doações.

Recebo carta de Guy datada de 27 de março de 1972 com endereços de artistas de *big names*: Francis Bacon, Ben Nicholson, Henry Moore, David Hockney, Bridget Riley, Phillip King e Eduardo Paolozzi. E relata seu empenho para criação do Museu.

Como bem consta de publicação do Museo de la Solidaridad, Brett vinculou-se à instituição em distintos momentos da sua história. Graças à sua amizade com Mário Pedrosa, gestionou junto a Roland Penrose a doação ao Museu de dezenas de obras de artistas britânicos, pronto expostas no ICA. Seriam enviadas a Chile mas o golpe de Estado as encontrou na Embaixada de Chile em Londres. Nem todas foram devolvidas aos seus autores.

Em 1974 Guy Brett, David Medalla, Cecilia Vicuña e John Dugger formarão Artists for Democracy – AFD para apoiar lutas antifascistas. Em 1992, com sua mulher, a chilena Alejandra Altamirano, buscarão Carmen Waugh, então diretora do MSSA, para doar novo conjunto de obras.

A 26 de abril de 1972, Mário como Presidente del Comité de Solidaridad Artística con Chile escreve a Allende:

Os doadores querem que suas obras sejam destinadas ao povo, que sejam permanentemente acessíveis a ele. E mais ainda, que o trabalhador das fábricas e das minas, das comunidades e dos campos entre em contato com elas, que as considere parte de seu patrimônio. A esperança dos artistas e nossa é contribuir desse modo à espontânea criatividade popular para que flua livremente e possa coadjuvar à transformação revolucionária do Chile. É assim como pensamos que o Museu da Solidariedade deverá ser exemplar nas suas tarefas educativas e culturais, exemplar na sua acessibilidade democrática. Deve ser a casa natural das expressões culturais mais fecundas do Chile novo, consequência do seu avanço no caminho do socialismo. Este é o desejo entusiasta dos artistas do mundo que concorrem para isso entregando o produto de sua força criativa.¹³

13 *Los donantes quieren que sus obras sean destinadas al pueblo, que sean permanentemente accesibles*

O museu é inaugurado no mês seguinte.

A los artistas del mundo, saúda Allende em discurso inaugural a 17 de maio de 1972¹⁴:

AOS ARTISTAS DO MUNDO

Em nome do povo e do governo do Chile, faço chegar minha emocionada gratidão aos artistas que doaram suas obras para constituir a base do futuro Museu da Solidariedade. Trata-se, sem dúvida, de um acontecimento excepcional, que inaugura um tipo de relação inédita entre os criadores da obra artística e o público. Com efeito, o Museu da Solidariedade com o Chile – que logo será estabelecido no edifício da UNCTAD III – será o primeiro que, em um país do Terceiro Mundo, por vontade dos próprios artistas, aproxime as mais elevadas manifestações da plástica contemporânea às grandes massas populares.

(...)

Os artistas do mundo souberam interpretar esse sentido profundo do estilo chileno de luta pela liberação nacional e, em gesto único na trajetória cultural, decidiram, espontaneamente, presentear essa magnífica coleção de obras-primas para desfrute de cidadãos de um país longínquo que, de outro modo, dificilmente teriam acesso a elas. (...)¹⁵

bles a él. Y más que eso, que el trabajador de las fábricas y de las minas, de las poblaciones y de los campos entre en contacto con ellas, que las considere parte de su patrimonio. La esperanza de los artistas y nuestras es contribuir de este modo a la espontánea creatividad popular para que fluya libremente y pueda coadyuvar a la transformación revolucionaria de Chile. Es así como pensamos que el "Museo de la Solidaridad" deberá ser ejemplar en sus funciones específicas, ejemplar en sus tareas educativas y culturales, ejemplar en su accesibilidad democrática. Debe ser el hogar natural de las expresiones culturales más fecundas del Chile nuevo, consecuencia de su avance en el camino del socialismo. Este es el deseo entusiasta de los artistas del mundo que concurren para ello entregando el producto de su fuerza creativa.

14 Discursos pronunciados por el Presidente de la República, Doctor Salvador Allende, y por Mário Pedrosa, Presidente del Comité de Solidaridad Artística con Chile, con ocasión de inaugurarse la primera muestra de obras donadas al Museo de la Solidaridad (17 – V – 72). Disponível em: <https://www.mssa.cl/publicaciones/discursos-pronunciados-por-el-presidente-de-la-republica-doctor-salvador-allende/>. A carta de Mário a Allende ao inaugurar o Museu está em Documents of 20th-century Latin American and Latino Art. International Center for the Arts of the Americas. The Museum of Fine Arts, Houston. Registro ICAA: 765622. O discurso de Allende ao inaugurar o Museu está em Documents of 20th-century Latin American and Latino Art. International Center for the Arts of the Americas. The Museum of Fine Arts, Houston. Registro ICAA: 765609

15 *En nombre del pueblo y del Gobierno de Chile, hago llegar mi emocionada gratitud a los artistas que han donado sus obras para constituir la base del futuro Museo de la Solidaridad. Se trata, sin duda, de un acontecimiento excepcional, que inaugura un tipo de relación inédita entre los creadores de la obra artística y el público. En efecto, el Museo de la Solidaridad con Chile (...) será el primero que, en un país del Tercer Mundo, por voluntad de los propios artistas, acerque las manifestaciones más altas de la plástica contemporánea, a las grandes masas populares.*
(...)

Los artistas del mundo han sabido interpretar ese sentido profundo del estilo chileno de lucha por la liberación nacional y, en un gesto único en la trayectoria cultural, han decidido, espontáneamente,

Mário cogita de trazer a *Guernica* de Picasso ao Museu e rascunha carta ao mestre¹⁶:

Ao companheiro Picasso, saudações!

Nós, artistas latino americanos, teus irmãos, teus admiradores, vimos pedir-te uma coisa: o traslado de GUERNICA, fruto do teu sagrado protesto e do teu gênio, do Museu de Arte Moderna de Nova York onde se encontra por tua decisão, para o Museu da Solidariedade, de Santiago, Chile.¹⁷

A meu aviso – que Mário não me ouça - por ser monumento antifascista a tela seria avariada ou roubada pelos golpistas.

Chegam obras para o Museu. Mário apresenta a Allende o primeiro lote de obras doadas.

Permitam-me também que voltando à primeira mostra do nosso Museu da Solidariedade – como o Senhor, companheiro Presidente, o chamou na sua carta aos artistas do mundo -, lhes diga que esperamos novas obras de outras partes do mundo: dos Estados Unidos, da Inglaterra, da França, da Itália, e outros, além de nossos países da América do Sul, inclusive meu país, cujo governo fechou as portas de saída a nossos artistas que quiseram demonstrar sua solidariedade ao socialismo chileno.¹⁸

Julho de 1972. Recebo carta de Mário:

Continuo a achar que a América (do Norte e do Sul) é hoje mais contemporânea que a Europa. Um intelectual, um proscrito de nossas bandas onde deve estar é por aqui, ou por essas bandas. A não ser que já queira viver aposentado ou marginalizado.

obsequiar esta magnífica colección de obras maestras para el disfrute de ciudadanos de un lejano país que, de otro modo, difícilmente tendrían acceso a ellas.

16 Carta de Mário Pedrosa a Pablo Picasso. Museo Nacional. Centro de Arte. Reina Sofia. Disponível em: <https://guernica.museoreinasofia.es/documento/carta-de-mario-pedrosa-pablo-picasso> e <https://issuu.com/mssachile/docs/s0050>

17 *Al compañero Picasso, saludos!*
Nosotros, artistas latino-americanos, tus hermanos, tus admiradores, venimos a pedirte una cosa: el traslado de GUERNICA, fruto de tu sagrada protesta y de tu genio, del Museo de Arte Moderna de Nueva York donde se encontra por tu decisión, para el Museo de la Solidaridad de Santiago, Chile.

18 *Permítanme, también que volviendo a la primera muestra de nuestro Museo de la Solidaridad – como Ud., compañero Presidente, lo llamó en su carta a los artistas del mundo -, les diga que esperamos nuevas obras de otras partes del mundo: de los Estados Unidos, de Inglaterra, de Francia, de Italia, y otros, además de nuestros países de América del Sur, inclusive mi país, cuyo gobierno cerró las puertas de salida a nuestros artistas que quisieron demostrar su solidaridad al socialismo chileno.*

Achei graça do susto que v. levou ao ver impresso no catálogo a lista dos ingleses que v. mandou procedente do Guy. Aliás, o que pensamos da lista era que, a juízo do Guy, aqueles artistas eram politicamente conscientes ou inclinados a gestos de solidariedade como esses para o museu. Talvez o Guy tivesse sondado algum ou soubesse que estariam dispostos a mandar. E daí a publicação dos nomes, fiados também em que o Roland Penrose, a quem afinal convidei para membro do Comitê Internacional, ia ser contactado pelo embaixador ou embaixatriz chilena aí bem como alguns artistas, como, por ex., o Bacon, que a embaixatriz visitou. Afinal Roland Penrose me escreveu, aceitando o convite, desvanecido, etc., mas que ia então sair de férias para estar de volta dentro de um mês, e começaria o trabalho de contactar os artistas, etc. Enfim, a coisa tomou um pouco mais de forma.

Quanto aos jovens, é realmente difícil adivinhar o que muitos deles podem mandar como “obra” pois tudo fica no plano do “conceito” ou de ideia. Mas há outros que têm obras, etc. O problema daqueles seria uma viagem até aqui para fazer algo in locu. Isso, porém, já são outros quinhentos mil réis.

O Museu agora trata-se de instalá-lo, acomodando os espaços reservados para ele. É a tarefa urgente a fazer, assim como também é urgente dar-lhe forma jurídica, existência palpável. Esperemos que até o fim do ano se faça.

Era dezembro de 1972, pouco antes da minha chegada ao Chile, recebo carta de Mário:

E suas démarches junto ao lord comuna amigo do Moore? Estou pensando em escrever-lhe eu mesmo, uma vez que o lord o tenha abordado (...) Outra cousa: a lista mandada pelo Guy é fruto de sua abordagem aos artistas ou simplesmente uma enumeração de artistas que seria interessante termos no Museu? Outro dia fiquei esmagado: o Szeemann, diretor de Dokumenta 5, a quem havia escrito, convidando-o a ser membro do nosso Comitê Internacional, me mandou uma carta com uma lista de 404 artistas (espalhados pelo mundo e de gabarito) aos quais escreveu pedindo obras. Entre esses, muitos já foram contactados e já mandaram obras; da lista do Guy Brett contei dez. Aguardo um certo tempo, e então vou escrever-lhes, reforçando a referencia do Guy (quando for o caso) e do Szeemann.

De janeiro a setembro residimos com Mário e Mary em Santiago. A 6 de agosto de 1973, cerca de um mês antes do golpe pinochetista, Mário achava-se na Europa e me escrevia, de Madri:

Hoje recebi tua ultima carta, de 30/7. Excelente, e algumas informações esclarecedoras. Precisamos agora acima de tudo acertar os relógios. Não tenho ainda data certa de chegar aí, mas aproximada: em torno da primeira semana de setembro. Acabo de chegar da Alemanha, por onde andei nos meados de julho. A grande maioria dos artistas fora, de férias. Mas excelentes perspectivas. O mesmo em Paris. O problema é mobilizar as entidades diplomáticas, sobretudo em Paris onde apesar dos esforços reais do encarregado de negócios, a Controladoria aí não deixa soltar gaita para os transportes das obras, etc. Vou aproveitar o resto do mês por aqui para telefonemas aos que já anunciam a volta das férias sobretudo na Alemanha e Paris. Penso sair daqui lá para o fim deste, talvez em cia. da Mary até Caracas, de onde ela iria para o Rio. (...)

Minha situação aí é bastante precária. Se o Museu, através o mau tempo reinante, se mantém e prossegue, espero que afinal me deem os meios de sobreviver, do contrário estou no mato sem cachorro pois da Universidade que posso esperar?

Estávamos em Santiago e Mário chegou da Europa. Na noite de 10 de setembro, véspera do golpe, mostrei a ele onde estavam louça e talher para o café da manhã. E a chaleira. Hóspede de Mário e Mary por oito meses, partirei na manhã seguinte e Mário ficará a sós na sua casa. O ensinamento mais delicado foi acender o fogão. Dono de apreciável didática, risquei fósforo e acendi o queimador. Mário observava. Sugeri que ele fizesse o mesmo. Queimou os dedos. Intelectual não sabe fazer coisas práticas!

Telefonei a Luiz Alberto e Lucia e combinamos que eles teriam Mário em todos os seus *desayunos*. Ele sairá de casa na manhã seguinte, salvo por Luiz Alberto.

De novembro de 1973 é a comunicação que recebo de Mário, asilado no México:

Em relação ao Museo de la Solidaridad a ideia que está prevalecendo é refazer o museu cá fora. Hoje falei com a Tencha pelo telefone, mal chegada da Europa e gripada, e já em vias de seguir na próxima 2ª feira para o Canadá, em giro. Aqui quer-se ver se o gov. mexicano fará uma *demarche* junto à junta (de bois) do Chile para que devolva as obras a seus criadores por não terem situação definida segundo a lei chilena. E ao mesmo tempo se prepara uma campanha para a recuperação delas. Em Paris já há em formação um movimento grande em torno disso.

Guy também me escreve, do México, a 15 de novembro de 1973, depois de passar alguns dias em minha casa em Lima:

Achei Mario depois de uma busca tipo Kafka através de repartições governamentais. Ao final ele se achava num hotel a um quarteirão de distância do meu! E Mary ali estava também. Ambos parecem bem, embora ontem Mario sentisse mal por ter excedido na bebida na noite anterior. Hoje ele se reúne com os artistas mexicanos que doaram obras ao Museu da Solidariedade, para apoiar-los na recuperação dos seus trabalhos.

Ele me disse que tem um amigo em Cuba, que poderia me ajudar a ir lá. Veremos o que acontece.

Eles estão residindo num hotel (San Diego, Calle Luis Moya 98) às custas do governo. Mary irá à Espanha amanhã mas Mário pensa permanecer outra semana ou dez dias aqui. Ficaram muito contentes de saber de vocês.

*Assim, as coisas resultaram bem. Mas eu fiquei triste de deixar vocês. Eu me senti muito bem cuidado...*¹⁹

Dois anos depois, na mencionada carta de dezembro de 1975 em que Guy relata seu desligamento do Times, ele aduz:

Desde então tenho feito um pouco de escrita, organização de exposições e algumas palestras. De fato, com respeito a isso, há algo que eu gostaria de perguntar a você. Espero organizar, na Galeria Whitechapel aqui, uma espécie de jornal de parede ou quadro de avisos. Tentaria, com a ajuda de recortes, fotos e assim por diante, dar uma ideia do que está acontecendo na arte em todas as suas inter-relações com a vida, tanto localmente em Londres quanto no resto do mundo da forma mais ampla possível. Quero construir uma rede de amigos em diferentes países que possam me enviar - informalmente e sempre que tiverem tempo - quaisquer recortes ou informações que acharem interessantes. Eu ficaria muito satisfeito se você tivesse tempo para me enviar ocasionalmente algumas coisas do Peru. O que seria particularmente interessante seriam histórias sobre, por exemplo, novas descobertas arqueológicas: a vida do povo Quechua; o progresso ou declínio das artes populares; novos trabalhos ou novas organizações de jovens artistas, escritores, cineastas, fotógrafos, etc; ideias imaginativas na educação popular; e assim por diante ... Receio que seria um processo bastante unilateral para começar - enviar coisas e não ver resultados - mas espero que mais tarde o material possa ser transformado em uma revista e então distribuído. Diz-me o que pensas.²⁰

A ditadura ocultou o museu, que reviveu em 1976 no exterior, etapa batizada como *Resistencia*. Com o retorno da democracia no Chile ambas coleções

19 *I found Mario, after a Kafka-like search through government offices. In the end he turned out to be in a hotel one block away from mine! And Mary there too. Both seem pretty well, though Mario yesterday was feeling ill for drinking too much the night before. Today he is meeting the Mexican artists who donated works to the Museum of Solidarity, to arrange for the artists to demand their work back. He also says he has a friend in Cuba who may be able to help me go there. Let's see what happens. They are living in a hotel (San Diego, Calle Luis Moya 98) at the government expense. Mary is going to Spain tomorrow but Mario plans to spend another week or 10 days here. They were very pleased to hear from you.*

So things have turned out well. But I was sad to leave you. I felt very well looked after...

20 *Since then I have been doing a bit of writing, exhibition organizing and some talks. In fact related to this there is something I would like to ask you about. I'm hoping to organize, in the Whitechapel Gallery here, a kind of wall newspaper or notice-board. It would attempt with the aid of cuttings, photos, and so on to give an idea of what's going on in art in all its inter-relations with life, both locally in London and in the rest of the world as broadly as possible. I want to build up a network of friends in different countries who could send me - informally and whenever they have time - any cuttings or information they find interesting. I'd be very pleased if you had the time to send me occasionally some things from Peru. What would be particularly interesting would be stories about, for example, new archeological discoveries: the life of the Quechua people; the progress, or decline, of popular arts; new work or new organizations of young artists, writers, film-makers, photographers, etc; imaginative ideas in popular education; and so on ... I'm afraid it would be a rather one-way process to begin with - sending things in and seeing no results - but I hope later the material can be made into a magazine and then circulated. Let me know what you think.*

reuniram-se formalmente sob nome de Museo de la Solidaridad Salvador Allende – MSSA. Tornou-se um dos mais importantes de América Latina em arte moderna e experimental. Mantém os conceitos fundacionais de fraternidade, arte e política.

Na segunda quinzena de outubro de 1974, Guy Brett secretariava Arts Festival for Democracy in Chile, organizado por Artists for Democracy, no Royal College of Art, em Londres. David Medalla era chairman do evento²¹.

Guy deixa saudade. Muita saudade. Como bem atesta o Museu:

Entristece-nos a partida de Guy Brett (1942 – 2021), um dos críticos e curadores britânicos mais reconhecidos da última metade do século XX e um dos amigos do MSSA mais importantes que acompanharam sua história.

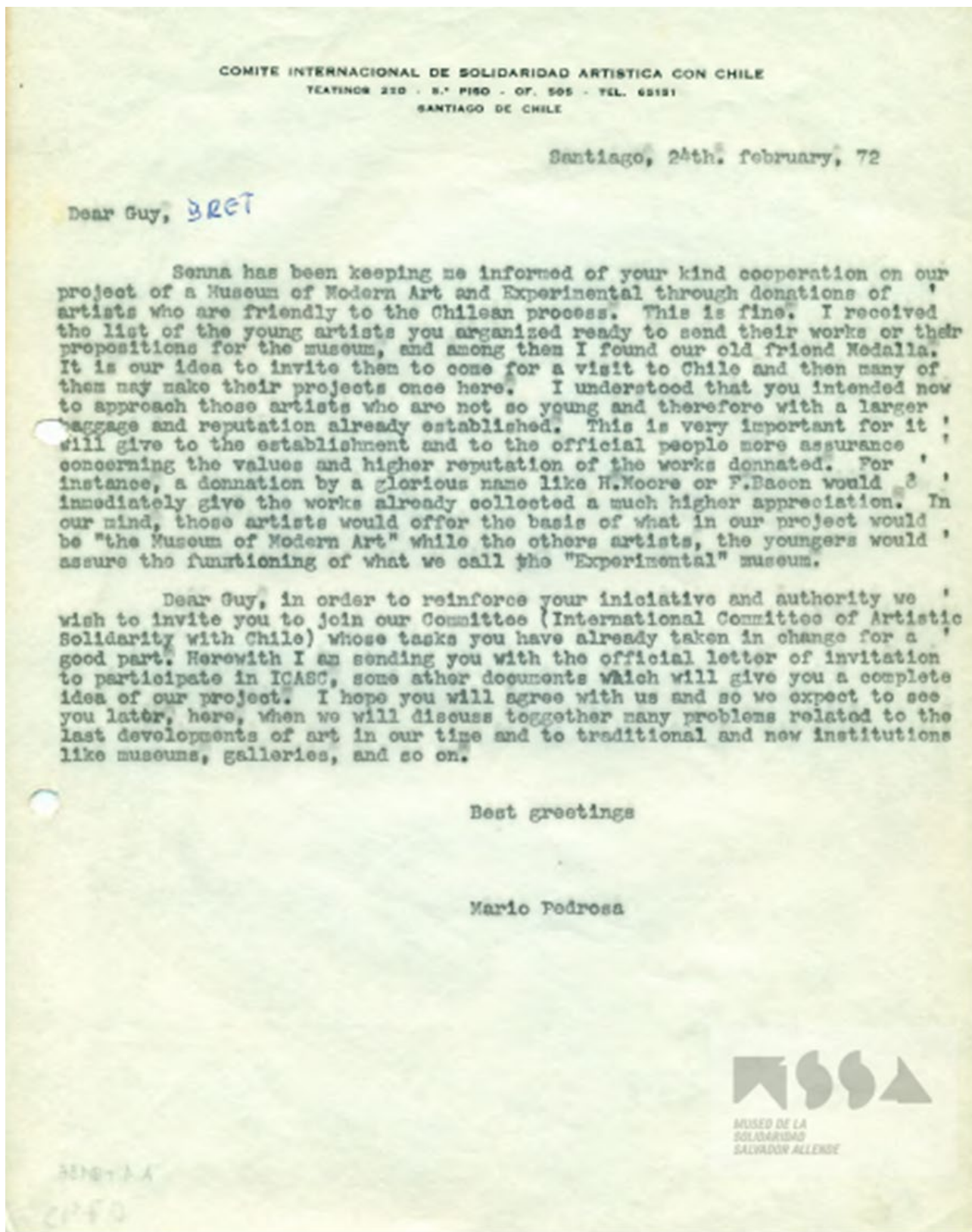
Deixa-nos um grande legado de solidariedade, fraternidade e vinculações internacionais que viram-se motivadas por sua posição política, junto a seu interesse pela arte e a cultura.²²

21 Arts Festival for Democracy in Chile. Artists for Democracy. Disponível em: <http://centrodedocumentaciondelasartes.cl/g2/collect/cedoc/images/pdfs/5437.pdf>

22 *Nos entristece la partida de Guy Brett (1942 – 2021), uno de los críticos y curadores británicos más reconocidos de la última mitad del siglo XX y uno de los amigos del MSSA más importantes que acompañaron su historia.*

Nos deja un gran legado de solidaridad, fraternidad y vinculaciones internacionales que se vieron motivadas por su posición política, junto a su interés por el arte y la cultura latinoamericana.

Anexo I: cartas e documentos



Milano 6 fevereiro '72

Seu Carlos + Dona Zéquina + os mundinhos: muito bacana receber a carta de vocês. Nós ainda não tivemos tempo de colocar tudo em ordem, sobretudo a correspondência tem ficado para trás.

Dona está muito bem, ocupa o tempo todo de ló; mais um pouco e já começa a se arrastar pelo canto da casa. Ela tem um trabalho feito pouco, tentando finalizar os trabalhos antes da nossa viagem: vamos para New York por um período de 3 meses - arranjei uma bolsa da Guggenheim Foundation. A partida está mais ou menos marcada para o dia 14 de fevereiro. Depois disso, voltaremos p. Milão.

Gostei demais do convite do Masio, mas acho q não vou poder ir à inauguração do Museu - se for antes do fim de abril, é claro. De qualquer maneira, preciso q você me mande urgentemente o endereço do Masio lá no Chile, faço questão de dar um trabalho p. o Museu. Também poderia me irias p. conseguir a doação de trabalhos por parte de artistas italianos, se o Masio topa. Bolei um trabalho muito bacana para ficar no Museu do Chile, mas preciso falar diretamente com Masio para ver se há a possibilidade de realizar a "coisa" lá mesmo - eu mandaria daqui o projeto. Mande o endereço p. carta EXPRESS, para dar tempo de chegar aqui antes de nossa partida. O projeto, mandarei p. o Masio lá mesmo de N.Y.

Se a inauguração do Museu for em maio - ou daí pra frente, então poderei ter tempo de ir até Santiago. Gostaria muito.

Mande notícias suas e da família. E do que anda acontecendo aí em volta do palácio de família. E pode dispor da gente para o que precisar daqui - macarronadas, talvez.

Milhões de abraços e lembranças

Antônio + Lolo

March 27th, 1972

Dear Carlos,

Here are the addresses of the artists who have big names

Francis Bacon both C/O Marlborough Gallery, 39 Old Bond Street,
London W1
Ben Nicholson

Henry Moore - Hoglands, Perry Green, Much Hadham, Herts

David Hockney - 17 Powis Terrace, London W11

Bridget Riley - 7 Royal Crescent, London W11

Philip King - 5 Parcelal Road, London NW3

Eduardo Paolozzi - c/o The Royal College of Art, Kensington Gore,
London SW7

I rang up Moore yesterday. He was very vague and didn't seem to be able to disentangle the case of Mario from numerous other requests. So I let it go. But I think ~~it would~~ it would be good to give Peter Townsend a report for Studio of what has happened up to now. They have a news section which goes to press later than the rest of the magazine.

HAPPY EASTER !

Dear President

May I on behalf of a group of distinguished British artists and as a member of the Committee of Artistic Solidarity with Chile ask you to accept the works of art mentioned in the accompanying list which have been chosen by the artists as gifts to the Museum of Solidarity which is to open shortly in Santiago de Chile.

These artists have been approached because of their talent, their originality and their belief in the importance of the role that the arts should play in society. Their response has been enthusiastic and their gifts are a token of their sympathy for the revolutionary ideals of the Popular Government over which you preside.

They are happy to know that their gesture will be understood as a sign of friendship between them and the people of Chile. They are also grateful to you for making it possible for a group of artists representing the most vigorous tendencies in art in Great Britain to be given a place of importance in the new Museum where they can be seen by all who enjoy and appreciate the eternal value of the arts.

It is their ardent hope that their gifts will bring with them not only pleasure to large numbers of people in Chile but will create closer links of friendship between our countries.

I wish to express my gratitude to Mrs. Bunster for her initial introduction to the International Movement of Artists for Chile and the invaluable help she has given in activating the appeal to British artists.

Please accept these gifts from the artists whose names accompany this letter.

Sir Roland Penrose

Member of the International
Committee of Artists in
Solidarity with Chile

Santiago, 26 de abril de 1972.

Al Excelentísimo señor
Salvador Allende Gossens
Presidente de la República de Chile.
Compañero Presidente:

En nombre de numerosos artistas plásticos de varios países del mundo, que generosamente han decidido formar una colección de obras de arte para iniciar con ellas un Museo destinado al pueblo de Chile y a solidarizar con el proceso político que el país está viviendo, me permito dirigirme a usted para entregarle estas obras en su calidad de Mandatario y representante de ese proceso. Lo hago en mi condición de Presidente del Comité de Solidaridad Artística con Chile junto al compañero Danilo Trélles, Secretario de dicho Comité.

Es necesario subrayar la trascendencia de este gesto, pues los artistas quieren con su acto demostrar su solidaridad con el pueblo chileno al verlo tomar el camino heroico y difícil del socialismo. Es el sentimiento de fraternidad y su afán de respaldar una experiencia tan valiosa lo que motiva su gesto. ¿Dónde nació esta idea?; en verdad surgió en forma espontánea en el corazón de los artistas, justamente por su calidad de tales. Sin embargo, no podemos dejar de mencionar los nombres de José María Moreno Galván y Carlos Levi que, reunidos en Santiago en marzo del año pasado, tomaron la iniciativa para promover este movimiento. En Chile la labor fue coordinada y agilizada por el Ministerio de Relaciones Exteriores, el Departamento de Cultura de la Presidencia y el Instituto de Arte Latinoamericano.

Una parte de las obras se encuentran reunidas para ser entregadas a usted, Compañero Presidente. Faltan todavía muchas. Ellas son el germen del Museo que los artistas del mundo anhelan regalar al Chile nuevo. Más obras continuarán llegando, pues la fuente de solidaridad no ha de agotarse mientras en Chile continúe el esfuerzo de renovación libertadora del pueblo y su gobierno. Fue por ello una sugestión inspirada, Compañero Presidente, cuando frente a ese formidable movimiento de respaldo internacional a Chile, usted, respondiendo a los anhelos del mismo Comité que lo visitó, proclamó la idea de fundar con estas obras un "Museo de la Solidaridad". Las ideas felices son así: No nacen ni antes ni después, sino con el signo de la historia. El "Museo de la Solidaridad" es la expresión más acabada de un hecho del que no se tiene conocimiento en la historia cultural de nuestro tiempo: Un Museo que se crea por donación de los artistas del mundo, espontáneamente, movidos por la solidaridad hacia un pequeño pueblo, en la periferia de la tierra, que inicia una

marcha revolucionaria al socialismo por sus propios medios, conforme a sus tradiciones democráticas, sus determinaciones culturales y su fidelidad a las libertades esenciales del hombre, entre las cuales está la libertad de expresión y creación.

Lo que une indisolublemente estas donaciones es precisamente este sentimiento de fraternidad, para que jamás se dispersen en direcciones y destinos diferentes. Los artistas las donan para un Museo que no se deshaga con el tiempo, que permanezca a través de los acontecimientos como aquello para lo que fue creado: un monumento de solidaridad cultural al pueblo de Chile en un momento excepcional de su historia.

Para asegurar la inseparabilidad de las obras donadas, incluidas patrimonialmente en el acervo de nuestro Museo en formación, el Comité sugiere en nombre de los artistas que sus obras vengán a formar el fondo de una Fundación Pública a ser jurídicamente constituida. Esa Fundación sería la expresión más apropiada del deseo manifiesto de los artistas que entregan sus obras para la creación de un Museo de Arte Moderno y Experimental en Chile, con la designación que la vida misma le dio: "Museo de la Solidaridad".

Nuestro Comité agradece, Compañero Presidente, la concesión de espacios suficientes en el edificio de la UNCTAD III para alojar el precioso acervo ya formado, al que han de agregarse las obras que están por llegar o prometidas. Esta colección hará de nuestro Museo el más rico de América Latina y el único en su género.

Los donantes quieren que sus obras sean destinadas al pueblo, que sean permanentemente accesibles a él. Y más que eso, que el trabajador de las fábricas y de las minas, de las poblaciones y de los campos entre en contacto con ellas, que las considere parte de su patrimonio. La esperanza de los artistas y nuestras es contribuir de este modo a la espontánea creatividad popular para que fluya libremente y pueda coadyuvar a la transformación revolucionaria de Chile. Es así como pensamos que el "Museo de la Solidaridad" deberá ser ejemplar en sus funciones específicas, ejemplar en sus tareas educativas y culturales, ejemplar en su accesibilidad democrática. Debe ser el hogar natural de las expresiones culturales más fecundas del Chile nuevo, consecuencia de su avance en el camino del socialismo. Este es el deseo entusiasta de los artistas del mundo que concurren para ello entregando el producto de su fuerza creativa.

Mario Pedrosa
Presidente
Comité de Solidaridad Artística
con Chile.

Santiago, 26 de abril de 1972.

Al Excelentísimo señor
Salvador Allende Gossens
Presidente de la República de Chile.
Compañero Presidente:

En nombre de numerosos artistas Plásticos de varios países del mundo, que generosamente han decidido formar una colección de obras de arte para iniciar con ellas un Museo destinado al pueblo de Chile y a solidarizar con el proceso político que el país está viviendo, me permito dirigirme a usted para entregarle estas obras en su calidad de Mandatario y representante de ese proceso. Lo hago en mi condición de Presidente del Comité de Solidaridad Artística con Chile junto al compañero Danilo Trélles, Secretario de dicho Comité.

Es necesario subrayar la trascendencia de este gesto, pues los artistas quieren con su acto demostrar su solidaridad con el pueblo chileno al verlo tomar el camino heroico y difícil del socialismo. Es el sentimiento de fraternidad y su afán de respaldar una experiencia tan valiosa lo que motiva su gesto. ¿Dónde nació esta idea?; en verdad surgió en forma espontánea en el corazón de los artistas, justamente por su calidad de tales. Sin embargo, no podemos dejar de mencionar los nombres de José María Moreno Galván y Carlos Levi que, reunidos en Santiago en marzo del año pasado, tomaron la iniciativa para promover este movimiento. En Chile la labor fue coordinada y agilizada por el Ministerio de Relaciones Exteriores, el Departamento de Cultura de la Presidencia y el Instituto de Arte Latinoamericano.

Una parte de las obras se encuentran reunidas para ser entregadas a usted, Compañero Presidente. Faltan todavía muchas. Ellas son el germen del Museo que los artistas del mundo anhelan regalar al Chile nuevo. Más obras continuarán llegando, pues la fuente de solidaridad no ha de agotarse mientras en Chile continúe el esfuerzo de renovación libertadora del pueblo y su gobierno. Fue por ello una sugestión inspirada, Compañero Presidente, cuando frente a ese formidable movimiento de respaldo internacional a Chile, usted, respondiendo a los anhelos del mismo Comité que lo visitó, proclamó la idea de fundar con estas obras un "Museo de la Solidaridad". Las ideas felices son así: No nacen ni antes ni después, sino con el signo de la historia. El "Museo de la Solidaridad" es la expresión más acabada de un hecho del que no se tiene conocimiento en la historia cultural de nuestro tiempo: Un Museo que se crea por donación de los artistas del mundo, espontáneamente, movidos por la solidaridad hacia un pequeño pueblo, en la periferia de la tierra, que inicia una

marcha revolucionaria al socialismo por sus propios medios, conforme a sus tradiciones democráticas, sus determinaciones culturales y su fidelidad a las libertades esenciales del hombre, entre las cuales está la libertad de expresión y creación.

Lo que une indisolublemente estas donaciones es precisamente este sentimiento de fraternidad, para que jamás se dispersen en direcciones y destinos diferentes. Los artistas las donan para un Museo que no se deshaga con el tiempo, que permanezca a través de los acontecimientos como aquello para lo que fue creado: un monumento de solidaridad cultural al pueblo de Chile en un momento excepcional de su historia.

Para asegurar la inseparabilidad de las obras donadas, incluidas patrimonialmente en el acervo de nuestro Museo en formación, el Comité sugiere en nombre de los artistas que sus obras vengán a formar el fondo de una Fundación Pública a ser jurídicamente constituida. Esa Fundación sería la expresión más apropiada del deseo manifiesto de los artistas que entregan sus obras para la creación de un Museo de Arte Moderno y Experimental en Chile, con la designación que la vida misma le dio: "Museo de la Solidaridad".

Nuestro Comité agradece, Compañero Presidente, la concesión de espacios suficientes en el edificio de la UNCTAD III para alojar el precioso acervo ya formado, al que han de agregarse las obras que están por llegar o prometidas. Esta colección hará de nuestro Museo el más rico de América Latina y el único en su género.

Los donantes quieren que sus obras sean destinadas al pueblo, que sean permanentemente accesibles a él. Y más que eso, que el trabajador de las fábricas y de las minas, de las poblaciones y de los campos entre en contacto con ellas, que las considere parte de su patrimonio. La esperanza de los artistas y nuestras es contribuir de este modo a la espontánea creatividad popular para que fluya libremente y pueda coadyuvar a la transformación revolucionaria de Chile. Es así como pensamos que el "Museo de la Solidaridad" deberá ser ejemplar en sus funciones específicas, ejemplar en sus tareas educativas y culturales, ejemplar en su accesibilidad democrática. Debe ser el hogar natural de las expresiones culturales más fecundas del Chile nuevo, consecuencia de su avance en el camino del socialismo. Este es el deseo entusiasta de los artistas del mundo que concurren para ello entregando el producto de su fuerza creativa.

Mario Pedrosa
Presidente
Comité de Solidaridad Artística
con Chile.

A LOS ARTISTAS DEL MUNDO

En nombre del pueblo y del Gobierno de Chile, hago llegar mi emocionada gratitud a los artistas que han donado sus obras para constituir la base del futuro Museo de la Solidaridad. Se trata, sin duda, de un acontecimiento excepcional, que inaugura un tipo de relación inédita entre los creadores de la obra artística y el público. En efecto, el Museo de la Solidaridad con Chile - que se establecerá luego en el edificio de la UNCTAD III - será el primero que, en un país del Tercer Mundo, por voluntad de los propios artistas, acerque las manifestaciones más altas de la plástica contemporánea, a las grandes masas populares.

Me conmueve muy particularmente esta noble forma de contribución al proceso de transformación que Chile ha iniciado como medio de afirmar su soberanía, movilizar sus recursos y acelerar el desarrollo material y espiritual de sus gentes. Representan estas las condiciones para avanzar en el camino hacia el socialismo que ha elegido el pueblo con cabal conciencia de su destino.

Los artistas del mundo han sabido interpretar ese sentido profundo del estilo chileno de lucha por la liberación nacional y, en un gesto único e n la trayectoria cultural, han decidido, espontáneamente, obsequiar esta magnífica colección de obras maestras para el disfrute

de ciudadanos de un lejano país que, de otro modo, difícilmente tendrían acceso a ellas. ¿Cómo no sentir, al par que una encendida emoción y una profunda gratitud, que hemos contraído un solemne compromiso, la obligación de corresponder a esa solidaridad? .

Ese compromiso, que asumimos con absoluta confianza en las fuerzas de nuestro pueblo y en el apoyo que nos brindan nuestros amigos, es de perseverar sin desmayo en el proceso emprendido con el triunfo cívico de la Unidad Popular esencialmente destinado al hombre - pueblo para incorporarlo en condiciones dignas también al campo de la cultura. El Museo de la Solidaridad y la amistad de los artistas aquí representados constituye ya, uno de los frutos más puros de nuestra empresa de liberación nacional.

Mi agradecimiento, por último, a los miembros del Comité Internacional de Solidaridad Artística con Chile, que han tomado a su cargo la generosa tarea de coordinar y organizar la labor para que las obras de los artistas del mundo llegasen a nuestra tierra.


 SALVADOR ALLENDE G.
 Presidente de la República de Chile.

Julio 19 1972

PROYECTO DE CARTA A PICASSO

Al compañero Picasso, saludos!

Nosotros, artistas latinoamericanos, tus hermanos, tus admiradores, venimos a pedirte una cosa: el traslado de GUERNICA, fruto de tu sagrada protesta y de tu genio, del Museo de Arte Moderno de Nueva York donde se encuentra por tu decisión, para el Museo de la Solidaridad de Santiago, Chile.

¿Qué es el Museo de la Solidaridad? Es el más nuevo de los museos, formado exclusivamente por donaciones de artistas del mundo solidarios al nuevo Chile y su pueblo, que contra el imperialismo y la miseria, buscan la libertad, la emancipación, el socialismo.

Y por qué te lo pedimos? Porque el país adonde está GUERNICA, símbolo eterno del dolor de los pueblos masacrados del mundo, fue transformado infelizmente en el más grande productor de Guernicas de la historia. El corazón de nuestros pueblos estallará de alegría al saber que GUERNICA está honrada y decentemente guardada -hasta que, según tu voluntad, pueda retornar a su patria natal-, en nuestro Santiago de Chile, hoy esperanza del continente del Che Guevara, nuestra patria latinoamericana. Acá, multitudes vendrán de todas partes y seguirán desfilando delante de tu obra, como en días del pasado distante hacían los peregrinos de Europa en busca del otro Santiago, el de tu tierra.

Nosotros, agradecidos, te besamos, Maestro.

(23)

Thursday 15 November, Mexico City

dear Carlos and Regina

I found Mario, after a Kafka-like search through government offices. In the end, he turned out to be in a hotel one block away from mine / Mrs Mary's like too. Both seem pretty well, though Mario yesterday was feeling ill from drinking too much the night before. ^{They} He is ~~organizing~~ meeting the Mexican artists who donated works to the Museum of Solidarity, to arrange for the artists to demand their works back.

He also says he has a friend in Cuba who may be able to help me go there. Let's see what happens.

They are living in a hotel (San Diego, Calle Luis Moya 98) at the government expense. Mary is going to Spain tomorrow but Mario plans to spend another week or 10 days here. They were very pleased to hear from you.

So things have turned out well. But I was sad to leave you. I felt very well looked after...

I hope your work turns out well Regina

All the best

Gus

hello Miguel
& Pedro

Hotel Fornos, (Calle Revillagigedo (!)), Mexico City

38 Archbishops Place, London SW2 2AJ

20th December 1975

Dear Regina & Carlos,

In another package I'm sending a book to wish you a merry Christmas and a Happy new year.....but it doesn't in any way make up for the year that's gone by since I received the magnificent book you sent me and never thanked you for. You always find the most interesting books, and that one on Peru is a beautiful piece of work, with so much packed into it.

I hope all of you are well and enjoying life. How are things going there? The newspapers have been very quiet on Peru for months and months, but that doesn't prove anything since their coverage of South America has always been pathetic.

Quite a lot has happened to me. For one thing I broke up with the Times. They started to make huge cuts in my articles and then one thing followed another very quickly. Stony and pompous letters started arriving and I replied even more coolly. Later the Guardian wrote a sympathetic piece on the whole thing which I'm enclosing. All in all I'm glad to be released because I couldn't any longer find the way to write what I wanted to say and at the same time adopt the kind of tone which the Times has come to demand.

Since then I have been doing a bit of writing, exhibition organizing and some talks. Infact related to this there is something I would like to ask you about. I'm hoping to organize, in the Whitechapel Gallery here, a kind of wall newspaper or notice-board. It would attempt with the aid of cuttings, photos, and so on to give an idea of what's going on in art in all its inter-relations with life, both locally in London and in the rest of the world as broadly as possible. I want to build up a network of friends in different countries who could send me - informally and whenever they have time - any cuttings or information they find interesting. I'd be very pleased if you had the time to send me occasionally some things from Perux. What would be particularly interesting would be stories about, for example, new archeological discoveries; the life of the Qechua people; the progress, or decline, of popular arts; new work or new organizations of young artists, writers, film-makers, photographers etc; ~~the~~ imaginative ideas in popular education; and so on.. I'm afraid it would be a rather one-way process to begin with - sending things in and seeing no results - but ~~the~~ I hope later the material can be made into a magazine and then circulated. Let me know what you think.

///

I have a house now in South London, in Brixton, and it's certainly quiet compared with the flat in Holborn that you came to. If ever you come to London I can put you up here. It is very cold now but last summer was an extraordinary freak - so hot you felt compelled to walk in the shade and the streets all dusty. Day after day of sunshine. I wonder when there'll be another. Otherwise of course London is becoming incredibly ~~exp~~ expensive, an average tube journey costs 35p, a pack of cigarettes 50p, a gallon of petrol 80p... Every time you go into a big shop or a museum you bag is searched for bombs.

I'd love to know how you are and hear your news. In the meantime...HAPPY NEW YEAR!

*all the best
Guy*



DIJO MARIO PEDROSA

La idea de solidaridad que con tan airoso aplomo nos presenta el gallo miroviano no habría alcanzado el horizonte internacional así espontáneamente, sin el soplo vital emanado de esa difícil, de esa admirablemente difícil realidad chilena que Usted, Compañero Presidente, tan bien representa. Y es por eso que en este momento mismo todos nosotros tenemos -como si estuviera en nuestras manos- la idea encarnada en estos cuadros, en esas esculturas, en esos grabados y dibujos, en esas imágenes que de estas salas se desprenden, nos conmueven y van a permitir la constitución del Museo de la Solidaridad que Usted, compañero Presidente, va a instaurar.

Lo que hago aquí, ahora, es un abusivo acto de subrogación para hablar en nombre de los artistas que donaron obras suyas a Chile, cuando ningún poder subrogativo me mandaron los artistas donadores por ninguna vía material ni mucho menos por ninguno de los respectivos canales burocráticos reglamentarios. La subrogación también la tomamos en el aire nosotros, los miembros del Comité Internacional de Solidaridad Artística con Chile. Es que todo pasa, más que en el dominio mismo de la idea, en el dominio del ideal de socialismo que anima a ustedes, hombres prácticos que operan los mecanismos del Estado y las palancas del Poder, y a los artistas del mundo que manejan instrumentos de trabajo todavía personales, en su ma-

yoría destinados a atrapar sensaciones, vivencias, imágenes, intuiciones, “la esencia del hombre” en suma, en eterno conflicto con su existencia, al fin del cual el hombre encuentra o debe encontrar su liberación total.

Ahora, encerrada en estas salas, colgada en sus muros, está ya materializada la idea bajo cuyo calor ennoblecedor nos reunimos aquí. Esa materialización es el arte en su proceso de apareamiento. Aparte de mirarlas, contemplarlas, admirar esas corporificaciones, de dialogar con ellas por el tacto, por los sentidos, por el pensamiento, adquirimos una nueva experiencia vivencial, un nuevo enriquecimiento cognoscivo, que es sobretudo un vehículo de la Verdad todavía trascendente en su contraste con una realidad que la niega. Y mientras la realidad que la niega. Y mientras la realidad sigue negándola, el arte sigue en su acercamiento permanente a una verdad cada vez más histórica y cada vez menos trascendente. Un día, en un punto del horizonte, los dos procesos se encontrarán, y entonces el arte será la vida y la vida será arte. De ese optimismo viven los hombres de acción, que creen en el futuro y lo quieren forjar en progreso y bienestar; y viven los artistas, que son los hombres de imaginación, que quieren crear la felicidad humana sobre la tierra.

Permítanme, también que volviendo a la primera muestra de nuestro Museo de la Solidaridad -como Ud., compañero Presidente, lo llamó en su carta a los artistas del mundo-, les diga que esperamos nuevas obras de otras partes del mundo: de los Estados Unidos, de Inglaterra, de Francia, de Italia, y otros, además de nuestros países de América del Sur, inclusive mi país, cuyo gobierno cerró las puertas de salida a nuestros artistas que quisieron demostrar su solidaridad al socialismo chileno.

Y más todavía, que estas obras aquí expuestas no están distribuidas arbitrariamente; se buscó una lógica interna que las uniese, y sus espacios corresponden en la medida de lo posible, a esa lógica. Todas las ideas o estilos del arte contemporáneo del mundo están aquí representadas. Y ustedes ve-

rán desde la línea lírica y creativa de Miró, hasta las obras que no piden mas contemplación pero son un llamado a la acción revolucionaria.

Lo que une indisolublemente estas donaciones es precisamente este sentimiento de fraternidad, para que jamás se dispersen en direcciones y destinos diferentes. Los artistas las donan para un Museo que no se deshaga con el tiempo, que permanezca a través de los acontecimientos como aquello para lo que fue creado: un monumento de solidaridad cultural al pueblo de Chile en un momento excepcional de su historia.

Nuestro Comité agradece, Compañero Presidente, la concesión de espacios suficientes en el edificio de la UNCTAD III para alojar el precioso acervo ya formado, al que han de agregarse las obras que están por llegar o prometidas. Esta colección hará de nuestro Museo el más rico de América Latina y el único en su género.

Los donantes quieren que sus obras sean destinadas al pueblo, que sean permanentemente accesibles a él. Y más que eso, que el trabajador de las fábricas y de las minas, de las poblaciones y de los campos entre en contacto con ellas, que las considere parte de su patrimonio. La esperanza de los artistas y nuestras es contribuir de este modo a la espontánea creatividad popular para que fluya libremente y pueda coadyuvar a la transformación revolucionaria de Chile. Es así como pensamos que el “Museo de la Solidaridad” deberá ser ejemplar en sus funciones específicas, ejemplar en sus tareas educativas y culturales, ejemplar en su accesibilidad democrática. Debe ser el hogar natural de las expresiones culturales más fecundas del Chile nuevo, consecuencia de su avance en el camino del socialismo. Este es el deseo entusiasta de los artistas del mundo que concurren para ello entregando el producto de su fuerza creativa.

Ahora no nos resta sino oír el canto del gallo de Miró, que canta con su pico abierto un canto de fe y de vigor, de

quien sabe que anuncia el amanecer. Que sea el nuevo amanecer de Chile; así lo esperan los artistas donantes y nosotros también.

Quisiera agradecer a Ud., Compañero Presidente, la comprensión que demuestra su respuesta a los artistas, y quisiera hacerlo en todos los idiomas de la tierra.



FIGUEIREDO, C. S. | Guy Brett, retratos de memória

Documento 1
Carta de Mário Pedrosa a Guy Brett. Santiago, 24 de fevereiro de 1972

Documento 2
Carta de Antonio Dias a Carlos Senna. Milão, 6 de fevereiro de 1972

Documento 3
Carta de Guy Brett a Carlos Senna. Londres, 7 de março de 1972

Documento 4
Carta de Roland Penrose a Allende, 1972

Documento 5
Discurso de Mário Pedrosa na inauguração do MSSA. Santiago, 26 de abril de 1972

Documento 6
Discurso de Mário Pedrosa na inauguração do MSSA. Santiago, 26 de abril de 1972

Documento 7
Discurso de Allende aos artistas. Santiago, 17 de maio de 1972 (A)

Documento 8
Discurso de Allende aos artistas. Santiago, 17 de maio de 1972 (B)

Documento 9
Rascunho de carta de Mário Pedrosa a Picasso (dois fragmentos). Santiago, 19 de julho de

Documento 10
Carta de Guy Brett a Carlos Senna. Mexico, 15 de novembro de 1973

Documento 11
Carta de Guy Brett a Carlos Senna. Londres, 20 de dezembro de 1975 (A)

Documento 12
Carta de Guy Brett a Carlos Senna. Londres, 20 de dezembro de 1975 (B)

Documento 13
Discursos do presidente Allende na inauguração do Museo de la Solidaridad

Documento 14
Palavras de Mário na primeira exposição de obras doadas ao MSSA. Santiago, 17 de maio de 1972 (A)

Documento 15
Palavras de Mário na primeira exposição de obras doadas ao MSSA. Santiago, 17 de maio de 1972 (B)

Documento 16
Palavras de Mário na primeira exposição de obras doadas ao MSSA. Santiago 17 de maio de 1972 (C)

Documento 17
Palavras de Mário na primeira exposição de obras doadas ao MSSA. Santiago 17 de maio de 1972 (D)


Documento 18
Palavras de Mário na primeira exposição de obras doadas ao MSSA. Santiago, 17 de maio de 1972 (E)

Documento 19
Palavras de Mário na primeira exposição de obras doadas ao MSSA. Santiago, 17 de maio de 1972 (F)

Documento 20
Artigo de Michael MacNay no Guardian, 21 de fevereiro de 1975

Anexo II: trechos de cartas de Mário Pedrosa a Carlos Senna

PS - Investigação urgentíssima a fazerem aí: Quais os artistas e críticos importantes que possam ser considerados mais de esquerda?
O Antonio Dias ainda está por aí? E o Senna manteve ligações com o *Guy Brett?*

Precisamos com urgência do endereço de Moore, Roland Penk Rose, Antony Caro,
Francis Bacon, Paolozzi e Richard Hamilton. *Urgente Urgente*
mas remeta incantinent seu curriculum


22/2/72

UNIVERSIDAD DE CHILE

Quemados e Brinhos

Suas duas ultimas 2 cartas causaram um alegraõ. Não pude responde-las antes porque chegaram na hora mesma em que iamõs passar um fim de semana na costa, m mais propriamente, na Isla Negra, que não e' ilha nenhuma, mera invenção do Neruda, que la tem sua casa, misto de moinho e coqueira. Estive desde a última semana de Janeiro, quando me mandei a Lima encontrar-me com a Vera, de visita, e a Mary, de volta, docente de canoa, com febre diaria. Assim e' que fui para Lima tratar-me dos bronquios, transformando a cama do hotel, onde nos alojamos, em cama de hospital, com médico a cabeceira, todos os dias. O projeto era ir de turista, com a mãe e a filha, que ha tanto tempo não via, a Luzes e a Macho Pichu. Está claro que só a Vera la foi. Saí uma vez, quando já sem febre, a um restaurant tipico, desoberto pela Vera. Voltei 9 dias depois, clinicamente bom, mas fisicamente arrasado. E a recuperação aqui demorou. Instalei entre, que não e' a mesma coisa recuperar-se aos 40 que aos 70. Confesso que com melancolia. Se agora retomo o fio da normalidade interrompido.

Vou escrever ao Guy, apadecendo o que está fazendo pelo nosso projeto, e convidando-o a ^{colaborar conosco,} ~~participar~~ oficialmente. O projeto ainda está nos seus inicios.

2

A inauguração do Museu projetado não é para já. Ainda há muitas coisas antes a fazer e a organizar. O problema principal agora ainda é assegurar a colaboração real de artistas. Nesse sentido, foiz muito da iniciativa do Guy, de conseguir a lista de artistas jovens que conseguiram. Agora, o importante é nos assegurar uma lista ^{de artistas} mais conhecidos ~~para~~ consagrados ~~para~~ para tranquilizar e contentar o pessoal oficial, Almeida e Ciz que só conhecem os grandes nomes. Daí a importância para nós de continuarmos com a colaboração de um Moore, um Bacon, um Pastozzi, etc. Se o Guy conseguir isso será um benemérito. Foiz da reação do António Dias. Ainda não recebi comunicação dele, mas se há tempo escreva-lhe incógnita dizendo-lhe do meu contentamento e que não perca tempo em obter colaboração de outros artistas. Que ele me mande ~~por~~ inferior algum nome ou nomes a quem poderia mandar convites, e como poderemos obter também uma doação do Marino Marini, pois o princípio é o mesmo para a Inglaterra e para a Itália e para toda parte: jovens artistas sim, como base de desenvolvimento do museu experimental, e velhos artistas de nome para fortalecer o projeto e consagrar o Museu de Arte Moderna na sua abertura. É possível que o encontro aqui seja retardado - para depois de reunião de Untard. Vamos decidir isso agora. É possível também convidar o António em pessoa para vir.

Continuação das beiradas
da carte-mãe:

Escrevi ao Guy e o convidei a partici-
par do novo Comitê Internacional,
Uma vez p. ele se mexeu, consequência
de jogos, artistas e se propunha con-
stituir outro de artistas, já de mais peso.
Com a carta mandei os documentos físicos
em fun de explicatudo, e statements
em fun de convidar artistas. Agora

~~Fato~~ aguardamos a aceção dele.
O projeto de museu continua de pé.
Talvez tenhamos de convidar também
o R. Penrose q.º membro do Comitê,
proposta vinda de Europa.

Continuo aguardando em o Times
de Londres.

Mais abraços



Santiago, 31-5-72

Caros sobrinhos companheiros

Junto com esta mando um catalogo e um cartaz para vocês e, ao mesmo tempo, mando outros para Guy Brett. Ha tempo que não te escrevemos, embora haja carta tua a responder. Saí -não de gripe- mas de doença séria que me pôs no chão desde janeiro (bronchites, bronchites, bronchites e por fim, pneumonia) até começo de Abril, quando depois de tratamento rigoroso, recuperei, e pude imediatamente entregar-me todo à organização do Museu que tínhamos em projeto. O catálogo é da la. exposição com os primeiros envios chegados, e que se realizou a 17 de maio, numa inauguração puxada a solene em que me dirigi ao "Compañero Presidente" e éste "ao"compañero Pedrosa". Recortes de jornais mostrarao como foi. Guarda o recorte -"orgulho da familia" e assim é que mandei o recorte para nossa familia "momia" pois le nome de gente nas fotos, ao lado do "Presidente", qualquer que seja, é arretar ha certa qualquer pequeno-burguês, mesmo se é inimigo politico. O Catalogo explicará as cousas, pois contém documentos esclarecedores. Depois da exposição, se tem de organizar na lei o museu de que tanto se falou e vamos passá-lo definitivamente, ao novo edificio construido para abrigar os caras de Unctad. O museu tomou o nome de "Museu de la Solidaridad" -por razoes faceis de comprender, que acho, alias, bonito e significativo. A montagem, instalação dele vai levar até outubro ou novembro. Então inauguraremos o bich com banda de musica e, a la chilena, isto é, com vinho tinto e empanadas. Então, é possível ou provavel (é desajavel) que a tribu londrina já se tenha passado para cá. Estamos em crise politica, mas isso é o trivial. E que os momios ou chamam as tropas e poem éste governo Upista abaixo, ou perdem o Bonde. do Bom Sucesso. O reformismo vai tirando o dinheiro do bolso do burguês, na fonte - no banco e na empresa, etc. mas dá tempo para que vs. venham. Como vai o n/dê Homero? Na Turquia dele parece que o pau anda cantando.

Como vai o Guy? Afinal Sir Roland foi feito membro do Comité Executivo, e acabo de lhe escrever uma carta diplomatica e cheia de nós pelas como convém a um par do Reino de sua majestade. Espera-se que aqueles nomes eminentes indicados pelo Guy (Moore, Bacon, Paolozzi, Ben Nicholson, King, B.Riley, D. Hochney) já foram abordados e concordem em ir. Alias, inauguramos a mostra com obras bem boas em sua media, e excelentes algumas vezes. O Miró mandou um galo, que tem servido de prato de substancia para a propaganda. É realmente bonito, é"o galo, cantando a alvorada". Tornou-se um bom simbolo para a retórica museográfica. Os brasileiros de paris mandaram boas cousas, Ligia, Sergio Camargo, Piza, Esmeraldo, Krajeberg, etc. Os Argentinos um grupo magnifico. O time espanhol é de primeira. Os franceses tbem sao bons, inclusive um belo Vassarely. E acaba de chegar a la. turma da Italia e estamos com um Calder acabado de chegar, mas ainda nao aberto pela alfandega. Os Americanos estao anunciados. E de outras partes: Suíça, Alemanha, Japao. A idéia xxi foi vitoriosa, e tudo foi feito no perto o na raça. Fiquei mais sujo que pau de galinheiro com os momios da terra. Que fazer? Do Brasil, vinha um bom grupo, mas na ultima hora um general meteu a pata, e parou tudo à porta do aviao. (Aquele gente até morde, passando-se perto).

Do nosso processo nao se sabe de mais nada. As noticias do casal Jader-Angela sao as mais estranhas. Será que fazem de contacto conosco? o

.2.

Adauto ~~o~~. Cardoso ficou muito, como se diz, desvanecido de ser testemunho de defesa e talvez, por ele, se possa ter uma opiniao do casal viax seu advogados, o Tercio. Vou ver.

Gostaria de ter mais noicias britanicas sobre o museu nosso. Nao me esqueci da lista dos jovens abordados pelo Guy. Assim que resolver a remessa dos veteranos galardoados, vamos nos virar para os meninos ainda apenas com fitas de cabo ou sargento.

Um beijo na meninada do Mig ao Pedrinho, e vocês recibam as nossas bençãos comprometidas com o demonio. Mas servem

Ciao, saudades

Senna etc. Regina saudades

Cartas suas de 14 e 18 de junho recebidas há poucas dias juntas.

Espero que já tenha vindo resposta daqui favorável. Até agora não consegui descobrir o grupo daqui que está tratando de organizar a rede de empresas nacionalizadas no Chile por meio da investigação operacional. A pessoa com quem contava para informarme, adoeceu e entrou de férias. É então conveniente que você me mande mais algumas informações sobre o grupo, para que eu me mexa aqui.

Estamos ansiosos para que vocês venham. E outro dia até dei um toque na minha cozinheira fabulosa, uma mapuche gorda como uma bahiana e Allendista furibunda, sobre uma empregada para vocês. Agora é difícil arranjar casa ou apartamento, mas tem que ser por perto de nós, bairro momio, tranquilo, bonito e simpático, de fácil condução. Ao chegar, claro, podem ficar no quarto que nos temos para hóspedes, e adjacências. O resto será continuado nas cartas seguintes.

Continuando a falar sobre problemas familiares, informo a vocês que a dona Vera foi até final indicada para posto em Madrid, que, embora, terra de Franco, (ditadura em adiantada fase de esclerose), é terra simpática e alegre, com bastantes recursos culturais. Claro que isto nos leva a fazer planos de visitá-la, quem sabe para o ano.

Este mês, também, temos três aniversários importantes, a dois irmãos fazendo idades respeitáveis, D. Manuel o venturoso, com 80 anos, e o esquisito caçula nosso com 60, vosso pai. O outro aniversário da fabulosa dona Mary, dona indiscutível do Finnegans Wake, a 24 do corrente.

Do Brasil, há uma novidade, a não ser Brasil outra vez, campeãozinho do sesquicentenário para contentar a dupla Caetano-Garrastazú.

Quanto ao processo, nada mais sobe, a não ser que o ~~Adauto~~ procurou ~~em~~ saber como andavam as coisas. Os bispos lançaram outro manifesto no Brasil, isso é arma de defesa nossa. Da Suíça não tive mais notícias, do Sergio que ~~se~~ aqui se foi depois da UNCTAD, não sobe mais nada.

Antes que me esqueça, o Darcy Ribeiro ia passar por Londres e te procurar, sobre se você queria trabalhar com ele no Perú no projeto do Utopia que ele tem para lá. Deve ter passado em Genebra, e falado sobre o assunto também com Miguel. Não sei se Miguel querirá vir para Lima. acho a empreitada do Darcy esquisita mas gozada, e a experiência para o Miguel no caso, não daria de ser interessante, independente de dar ou não resultado. E seria um caminho andado para o Chile. Continuo a achar que a América (do Norte e do Sul) é hoje mais contemporâneo que a Europa. Um intelectual, um proscrito de nossas bandas onde deve estar é por aqui, ou por essas bandas. A não ser que já queira viver aposentado

.2.

ou marginalizado.

Achei graça do susto que V. levou ao ver impresso no catálogo a lista dos ingleses que v. mandou procedente do Guy. Aliás, o que pensamos da lista era que, a juízo do Guy, aqueles artistas eram politicamente conscientes ou inclinados a gestos de solidariedade como ~~esses~~ para o museu. Talvez o Guy tivesse sondado algum ou soubesse que estariam dispostos a mandar. E daí a publicação dos nomes, fiados também em que o Roland Penrose, a quem afinal convidei para membro do Comitê Internacional, ia ser contratado pelo embaixador ou embaixatriz chilena aí bem como alguns artistas, como, por ex., o Bacon, que a embaixatriz visitou. Afinal. Roland ~~Penrose~~ me escreveu, aceitando o comitê, desvanecido, etc., mas que ia então sair de férias ~~para~~ estar de volta dentro de um mes, e começaria o trabalho de contactar os artistas, etc. Na minha carta mandei os nomes que v. me mandou como acesíveis, etc. Em fim, a ~~corisa~~ tomou um pouco mais de forma.

Quanto aos jovens, é realmente difícil advinhar o que muitos deles podem mandar como "obra" pois tudo fica no plano do "conceito" ou de ideia. Mas há outros que têm obras, etc. O problema daqueles seria uma viagem até aqui para fazer algo in locu. Isso, porém, já são outros quinhentos mil réis.

O Museu agora trata-se de instalá-lo, acomodando os espaços reservados para ele. É a tarefa urgente a fazer, assim como também é urgente dar-lhe forma jurídica, existencia palpável. Esperemos que até o fim do ano se faça.

A situação do Chile está agora numa fase bem decisiva, e continuo a achar do maior interesse. A fase crítica começa a aproximar-se, e o pessoal começa a dar-se conta disso. A experiência que se vive é fascinante, apesar das dificuldades que por vezes aparecem e chateiam. Agora está ~~passando~~ ^{depois} passando por um frio cachorro, chegando o termometro a baixar a menos ^{de} zero vários dias. Mas há sol e céu azul.

Beijos na mi~~o~~çada, e lembranças de Mary para vocês.
Deus vos abençoe



Santiago, 12-7-72

suas demarções junto ao lord com uma amiga de Moore? (2)
 estão pensando em escrever-lhe eu mesmo, um avô que o lord o
 tinha adorado. Ele deve lembrar-se pelo nome do meu nome,
 e por fim si pretaria de carta aberta ao farrastamento.
 Outra coisa: a lista mandada pelo Guy é fruto de sua
 bordagem aos artistas ou simplesmente uma enumeração de
 nomes que seriam interessantes termos no museu? Outro
 ia foi o meu amigo: o Szeeman, director de Dokumenta 5,
 quem ~~me~~ havia escrito convidando-o a ser membro do novo
 comité internacional, me mandou uma carta com uma lista
 de 404 artistas (espalhados pelo mundo e de gabarito) aos quais
 queria pedir obras. Entre esses, muitos já ~~estavam~~ foram
 citados e já mandaram obras; da lista do Guy Brett contem
 alguns um certo tempo, e outros vou escrever-lhes,
 fazendo a referência do Guy (quando for o caso) e do Szeeman.
 Aqui, tudo anda devagar, sobretudo em matéria de arte ou
 cultural. ~~MADEIRA~~ É o Museu com excelentes perspectivas na
 cidade, e o trabalho de preparar sua sede principal, etc é
 enorme. O dinheiro é sempre curto, e o chileno é mais por
 o que para frente. Tem gênio político mas não tem imaginação.
 de fazer o socialismo mas não gosta de sair da rotina. Briga e
 se consegue mas prefere transar. Enfim, vá venham ver a coisa
 feita, e venham já. Vão aprender muito. Aqui vos aguardamos.
 Deixo nos muros, saudados a todos para vossos, filhos
 impenáveis.

de Homero me responde a minha carta de felicitações pelo 60º aniversário, a 31 de julho. Quando foi
 veio a dele de seu sobrinho. Recibo - a esse respeito! É verdade que de vez em quando por Caravello, como das de Calvo
 que lhe diga que seja ou não o meu apartamento. Deixo a ele, mas a apartamento já não tenho. Então, não
 de um modo a levá-lo para outro lugar - mesmo, se quiserem de outros. De outros talvez seja mais em a Europa.

alguns chegaram até antes dele ter de partir para o Rio

Madrid, Lunes, 6 - agosto

Lenna, Regina e cambada
 Hoje recebi tua ultima carta, de 30/7. Excelente, e algumas informaçõs esclarecedoras. Precisamos agora acima de tudo - acertar os relógios. Não tenho ainda ~~projeto~~ ^{data} carta de chegar ai, mas aproximada: em torno da primeira semana de setembro. Acabo de chegar da Alemanha, por onde andei nos meados de julho. A grande maioria dos artistas fora, de férias. Mas as perspectivas. O mesmo em Paris. O problema é imobilizar as entidades diplomaticas, sobretudo em Paris onde apesar dos esforços reais do encarregado de negócios, a Contulania ai não deixa soltar gaita para os transportes, ^{dos estrangeiros} etc. Vou aproveitar o resto do mês por aqui para telefonemas aos que já anunciam a volta das férias sobretudo na Alemanha e Paris. Penso sair daqui ~~com~~ la para o fim deste, talvez em via da Mary até Caracas, de onde iria para Rio. Em Gassarei em Caracas uns dias, depois em Columbia e por fim em Lima, onde verei o Darcy e conversarei e tomarei conhecimento ao vivo dos seus projetos. Mas espero ainda vê-los em Santiago, e receber de vossas mãos as chaves da mansão. Daqui para mais perto tomaremos os nos comunicar.
 - V. pouco mandou dizer do Museu a não ser que a Maria Inês continua em contacto com v. Notei também p. nota vós falaram das ~~2^{as}~~ exposições da Unctad. Sabe se o projeto de reconstrução do ~~do~~ edificio de Paris, O Higgins prossegue? Quem está tomando conta das obras? É a Daisy?

Quanto à sit. política, 3 coisas achei impor-
tantes agora: 1) a podense contra-ofensiva da D.C.
que parece ter quebrado o monopólio prático de
Alende das manobras com o Exército. Ela agora
já tenta manobrar com ele contra o governo,
ao fazer da participação massiva dos FF.AA.
no gabinete a condição para um acordo, em que
estas apareçam como a garantia do cumprimento de
suas cláusulas. Ora, da outra vez Alende preferiu
deixá-las de fora do governo para em caso de ter de
retornar, o fazer a chamada do governo, em sua função
preocupada de defendê-lo. Mas o que quer agora a D.C.
é fazer do Exército o árbitro bonapartista a um das
classes. 2) A ocupação ~~de~~ massiva das empresas pelos
trabalhadores e desta fazer os bastiões do poder proletário
(a noção de em caso de não poder conservá-las, tocá-las
foge, é brava; não é estratégia, é rendição com desespero
e liquidação do próprio poder proletário) 3) Indícios mais
claros de divisão dentro da U.P.A. que há dentro no P.S.,
é certo; mas no P.C.? Tudo indica que vamos chegar proxi-
mo a um ponto de deslance. Pero ~~se~~ tend em volta
o surrealismo político que ali domina — esperemos
o desenrolamento.

Aqui a Vera vai bem, os amigos xalents, na praia, com a
Mary. In idrecomando um pouco, e vida a praia em ess
dias. Como vão os amigos? E os amigos amigos? Digam
que mando um abraço, e aproveite-lo breve. E o Jesse
como vai? Diga tbém a Tite p, se ena carta ou da
maneira de dar para o Wipfler.

bobrinhas, de alto abaixo! Companheiros e amigos! 6 de junho, 23
 Afinal nos encontramos, depois da catástrofe.
 Sai do Chile sem levar um endereço. Ouni mandou vocês
 saíam naquela madrugada. Fiquei esperando se voltavam.
 Lá para as 10 o S.A. telefonou dando os fatos. Preparei
 ali-me e fui para a casa dele, donde fui até escapular
 para a embaixada, 17 dias depois do golpe e também onde fiquei
 mais 17 dias até embarcar para cá, numa viagem de 30 horas,
 passando com uma noite inteira dentro do avião, parando
 no aeroporto de Sudabel. Pretendo ir na próxima 4ª feira,
 28, para Paris, e depois Madrid, se possível (arranjar Papéis)
 O gov do México não dá asilo aos brasileiros e outros nos chi-
 lenos que foram, entretanto, asilados na sua embaixada em
 Chile. (Em compensação, o gov mexicano, ao que dizem
 suas autoridades competentes, faz pressão sobre o gov
 brasileiro para dar passaporte aos brasileiros como também
 está fazendo pressão sobre Bolívia e Uruguai para o mesmo
~~tipo de fim~~. Sabe-se que os dois vizinhos já cederam,
 e que as mesmas autoridades mexicanas estão a insistir
 perante os gov brasileiro, embora o brasileiro mesmo
 não esteja. De qualquer forma a ação tirando fotos
 e enchendo formulários ~~para~~ que a alta autoridade da uni-
 ão ele mesma tenha em punho ao nome hotel para a
~~atuação~~ preencher. Eis aí algo que seria realmente um milagre.
 Que notícias vs têm de Brasil? Fala-se por aí em amistade
 quando vier o novo imperador? Por aqui se fala.
 Do Chile o que se sabe são as manobras da Junta, a reação
 sentimental de opinião mundial e também a resistência
 que já em parte bastante considerável já se organiza. O que
 não é por admirar sobretudo se julgar a situação do Chile com
 método de ~~força~~ na população favorável ao governo. Aliás estão
 certos que a ferocidade da Junta era fúria e é de medo e do
 isolamento. Do horror, o que parece não ser, despendido de
 estado foi o júbilo de Valde, meus companheiros de asilo na embai-
~~xada~~ Xada do Chile no Rio sentiu muita má vontade por ~~forças~~ e
~~celeste~~ ~~deixa~~.
 Quanto ao nome cabuloso processo, eis a última notícia ~~trazida~~

2

pela Mary: Foi engavetado pelo Coronel encarregado
por achar que, posto em andamento, terminaria pela libertação
de nós todos, um way que não havia nenhuma prova contra os acusados.
É isso de não ficaria) que aconteceu, ainda mais que eu ainda por
cima havia "desacatado" o regime!

Fiquei satisfeito em saber que o casal Jades ia on ja fora para a
Luzia. Tem notícia de Impul-Bryzika? A Peté sabe do golpe
no Haiti, pelo rádio do Palácio da Presidência, eu porcos! A fora
já está em Washington para uma beca na Universidade.

Em relação ao Museu de Solidaridad a ideia que está prevalecendo
é refazer o museu a fora. Hoje falei com a Tereza pelo telefone,
nel dirigida da Europa e preparada, e já em vias de seguir na próxima
2= para fora para o Canadá, em giro. Abri pra ver se o for
mexicano para uma demarcação junto a junta (de bits) de
Chile para que devolva as ^{a uns milhares} imagens
depreciada segundo a lei chilena. E ao mesmo tempo se prepara
uma campanha para a recuperação deles. E Paris já há ^{se}
formação ^{um} movimento fraudulento em todos os sítios. Vou, vou.

Abraço beijos nos miúdos, e vamos ver quanto nos
veremos. ~~de novo~~ de novo. Ciate -

A Mary já está na Espanha; está bem. Vocês tem
o nome endereço lá? É o de Paris, via o de Luciana -
4 Rue Rjis, Paris 6^e - Entre momentos de sono e
aproveitando portador casal brasileiro em se vai por aí
via o Paris ^{em Beira} a quem mandamos os mais saudosos
saudosos.

Artigo recebido em 18 de junho de 2020 e aceito em 27 de setembro de 2021.

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons

